

# “FORMA TAMBÉM É CONTEÚDO”: OPERAÇÕES DISCURSIVAS NAS RESISTÊNCIAS E DIDÁTICAS NO ENSINO DA LÍNGUA MBYA <sup>1</sup>

Leonardo Correia Marcoccia (UFPR)

**Resumo:** Neste trabalho parto de uma etnografia com os Mbya-Guarani no Paraná, e focalizo minhas análises nas dinâmicas discursivas, saberes e registros produzidos através do curso de língua Mbya (Mbya Ayu), lecionado online por uma liderança Guarani Mbya para pessoas não mbya. Exploro como a criação e continuidade do curso configuram uma forma de retomada linguística, nas quais as aulas, juntamente com a utilização de espaços online e projeção da língua em mídias sociais, ocupam uma parcialidade dentro dos sistemas de lutas Guarani. Discuto as aulas virtuais como local de produção e tensionamentos de sentidos entre a língua Mbya e a portuguesa, na qual regimes de conhecimentos e ensino disputam continuamente espaços através da linguagem, operando e reinventando premissas dentro e fora do jogo linguístico. Por um lado, os processos tradutórios e regimes de escrita tendem a produzir assimetrias e apagamentos nos enquadramentos gramaticais. Por outro, o sistema de saberes Mbya, fundamentado ontologicamente na palavra e profundamente ligado às noções de escuta e fala, realiza-se em uma experiência de língua viva, na qual a compreensão das palavras e seus poderes de sentidos são alcançados pela experiência. O saber, o corpo e as formas de comunicação com o divino se produzem na fala e constituem o *nhandereko* (jeito de ser Guarani), sendo um meio e caminho de produção, circulação e compartilhamento de saberes e memórias (BENITES, 2020). Nesse sentido, investigo como a língua Mbya se faz ensinar e é transmitida para falantes não mbya, focalizando os deslocamentos epistêmicos que as operações discursivas mbya produzem ao movimentar dimensões da linguagem na e para além da escrita.

**Palavras-chave:** Curso de Língua Mbya; Operações Discursivas; Linguagem e Ontologia.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Considerando os trabalhos multidisciplinares realizados no Brasil no âmbito das línguas indígenas, sobretudo as numerosas iniciativas de retomadas e revitalizações de línguas indígenas, e mesmo que em extensão sejam insuficientes para contemplar os imensos desafios aos quais se propõe, nos mostram caminhos diversos pelos quais as possibilidades de preservação linguística são indissociáveis dos processos de lutas pela demarcação de terras, formas de resistências, valorização e afirmação de identidades indígenas.

Atuar no fortalecimento e manutenção de línguas é pensar nas condições objetivas que possibilitam as formas de vida de suas comunidades de fala. Isto é, em primeiro lugar, defender línguas vivas. As iniciativas na quais as comunidades de fala, com auxílio ou não de pesquisadores e instituições, se colocam à frente de processos de retomada e revitalização linguística, tornam-se exemplos relevantes para pensar a atuação dos povos indígenas e seus protagonismos na resistência em manter suas línguas, sobretudo para manter falantes dentro das comunidades de fala. A experiência que trago neste trabalho, entretanto, apresenta formas de transmissão de saberes que se projetam fora da comunidade de fala, parecendo encontrar no ensino da língua, sobretudo para pessoas não indígenas, possibilidades de resistência e fortalecimento da língua e cultura. Processo esse que faz evidenciar, nos momentos de interação e tensionamento, diferenças epistemológicas e ontológicas pelas quais proponho as discussões neste texto.

Nesse sentido, parto de um relato de aula do curso de língua Mbya (Mbya Ayu), que compõe uma etnografia multilocalizada entre aldeia e ambiente virtual e faz parte do andamento da minha pesquisa de monografia, no qual procuro evidenciar as práticas e dinâmicas pelas quais o curso opera. Este trabalho não pretende fazer uma discussão exauriente considerando o curso de língua Mbya nos contextos de revitalização linguística ou no campo de discussões sobre modelos epistemológicos e ontológicos, mas se propõe ao exercício de considerá-los para explorar as complexidades e alternativas que a criação e continuidade desse curso representam para o fortalecimento e manutenção de línguas, bem como indicar possibilidades de olhares e caminhos para entender epistemologias outras partindo de bases ontológicas.

## **Mbya Ayu**

O curso Mbya Ayu foi criado em 2020, em período pandêmico, após muitos diálogos entre a professora Juliana Kerexu – cacica da terra indígena Tekoa Takuaty na

Ilha da Cotinga/PR, professora de língua Mbya, poetisa, escritora, artista e liderança indígena – e o antropólogo Gustavo Godoy, cuja atuação no curso ao longo dos anos foi como monitor, produtor de materiais, transcritor, e ainda, por seu contato duradouro com a língua Mbya, “professor substituto”.

Aulas ainda acontecem de forma virtual, e embora mantenha uma estrutura razoavelmente contínua, no decorrer do tempo as plataformas utilizadas, os modos de gravar, dias e horários das aulas, participantes, materiais didáticos, temas abordados e alguns elementos se alteraram em altura, largura e profundidade. De modo que seria impraticável abordar o curso Mbya Ayu como um curso de língua progressivo, modular e programático, ao menos considerando os modelos existentes de cursos de línguas e o tempo de ao menos 3 anos de existência das aulas. Desse modo, o relato que apresento neste trabalho é um recorte de uma aula, na qual procuro evidenciar sobretudo como uma aula acontece.

### **Uma aula virtual de Língua Mbya**

Segunda-feira à noite, havia chegado há pouco na minha casa e comigo trouxe os cansaços, marcas, cheiros e sentimentos ainda ecoando da experiência cotidiana de ser residente de um centro urbano. Procurei me fazer mais confortável enquanto esperava. Quem participa do curso a algum tempo sabe que se houver aula no dia as mensagens no grupo de WhatsApp devem chegar perto das 19h30, horário a partir do qual as aulas costumam acontecer. Os horários e dias das aulas normalmente são decididos por enquetes no grupo e permanecem até que sejam revistos por algum motivo, geralmente a pedido dos alunos ou de compromissos externos da professora, viabilizando que os participantes votem e decidam de acordo com suas disponibilidades.

Notificam no celular mensagens de texto da professora, a qual confirmavam nossa aula e solicitavam ajuda de alguém para “abrir o link e fazer a transcrição”. Comumente as conversas no grupo se iniciam com algum cumprimento em Mbya, seja por alguém mandando materiais diversos, enviando as anotações e gravações de aulas passadas, fazendo divulgações, enviando conteúdo de outras redes sociais como da própria página do Instagram do curso e breves interações entre os alunos. Sobretudo são momentos da professora perguntando acerca da disponibilidade dos alunos de estudar no dia, propondo remarcações de aulas, avisando sobre algum imprevisto, uma vez que as aulas na sua agenda dividem espaço com outros variados compromissos que se espera de alguém com

a relevância de Kerexu, ou ainda compartilhando notícias e divulgando artesanatos. As saudações em mbya variam de acordo com o momento do dia e são indispensáveis – recordo da professora enfatizando a importância das saudações para os Mbya e para treinarmos as pronúncias. A saber as expressões usadas no grupo são majoritariamente *Javyju* (“bom dia”. Trad. Lit. “nós nos levantamos de novo”), *Nhandeka´aruju* (“boa tarde”. Trad. Lit. “nós entardecemos de novo”) e *Nhanepytũju* (“boa noite”. Trad. Lit. “nós anoitecemos de novo”).

Ofereci-me pelas mensagens no WhatsApp para fazer a transcrição e gravação da aula. Computador aberto. Aula, mesa, mouse, cama, celular, Word, “link”, notificações. Aberta a sala virtual, conectaram-se os alunos que no dia poderiam participar. Espera, câmera, webcam, internet, conexão. Estávamos em quatro: uma aluna recém-chegada ao curso e iniciando nas aulas, outra que está no curso a alguns anos, eu – que no momento não acumulava mais de alguns meses no curso – e Kerexu.

Posteriormente entraria na sala um quinto participante de longa data no curso. Revê-lo mobilizou grande comoção da professora– momentos comuns quando alguém que não se via há algum tempo pode participar de uma aula. Os alunos são também os colegas, amigos e conhecidos de inúmeras situações de Kerexu. Trata-se de pessoas que em algum momento já participaram ativamente das aulas, e embora tenham diminuído a frequência de participação, mantiveram-se no grupo e com algum contato com a professora. Destaco que a dinâmica do curso, como reforçado em outras aulas pela cacica sobre uma temporalidade de aprendizado diferente dos não-indígenas (*jurua kuery*), não projeta um tempo de conclusão para os alunos e conta com uma rotação e momentos nos quais existem mais ou menos participantes, e no decorrer do tempo pessoas ficam, saem e retornam ao grupo e aulas.

Os primeiros momentos dessa aula se resumiram em cumprimentos, avisos sobre quanto tempo poderíamos ficar ou não na aula. Em seguida, ainda enquanto conversávamos, conecta-se a professora. Ela nos cumprimenta em uma tonalidade calma e convidativa, propondo em seguida o que ela havia pensado para a aula. Sugeri então que aproveitássemos a aula para trazer dúvidas ou questões que estávamos tendo nos estudos – e fui perceber muito tempo depois que não se tratava somente de um exercício de sanar dúvidas no campo linguístico, da escrita etc., mas que essa forma na qual todos se fazem escutar, tornando coletivo o que se produz, se reproduz no decorrer das aulas e abre caminhos para pensarmos um processo de indissociabilidade entre forma e conteúdo no ensino da língua Mbya.

Kerexu começou compartilhando algumas considerações que havia tido durante o dia e pediu para que continuássemos falando sobre nossas dúvidas e interesses. Início a transcrição e a aula segue, como de costume completando entre uma hora e meia a duas horas de duração.

### **Registros escritos**

Como acontece em outros dias de aula, algum participante, geralmente um aluno que está a mais tempo no curso, realiza a pedido da professora a transcrição da aula. Essa, por sua vez, consiste em um registro escrito dos ensinamentos, falas, perguntas, palavras, exemplos, traduções e qualquer conteúdo que surja durante a aula, sobretudo transmitidos pela professora. Geralmente as transcrições, ou anotações como alguns alunos preferem chamar, são feitas utilizando o programa do Word ou Google Docs, espelhando a tela durante as reuniões virtuais. De modo que aquilo que se escreve é espelhado simultaneamente com todos na sala, possibilitando intervenções e correções da professora ou colegas.

Estar algum tempo no curso partilhando esses momentos, sobretudo de interações virtuais e escritas, com outros participantes e especificamente o contato com aqueles poucos que realizam ou tem disponibilidade para as transcrições, bem como as aulas que fui responsável pelos registros ou aquelas que acompanhei outros fazendo, fez-me refletir acerca das diferenças nos modos de registro dos alunos. Nesse sentido, parece que os registros escritos estão sujeitos mais ou menos às habilidades das quais os participantes que realizam a transcrição têm em relação à gramática Mbya. Compondo junto com a professora um ritmo de aula.

O registro escrito faz seguir ou não para um lugar, como nos momentos durante as aulas nos quais a professora utilizava o documento transmitido na tela para recuperar o que se falava ou propondo o seguimento da aula para alguma direção, explicando melhor uma palavra, propondo exemplos etc. Ao mesmo tempo que a escrita é um espelho dos caminhos que os participantes escolhem e deixam-se levar para aquela aula, sua lógica da organização, embora carregue palavras e ensinamentos Mbya, é estruturado de alguma forma nas noções do que seria uma transcrição adequada, dos conhecimentos linguísticos básicos que dispomos ao escolher como representar os morfemas ou separando o que se diz em blocos para atingir algum propósito didático para os alunos

que visitarão as anotações posteriormente. Trata-se de formas de aprender distintas que compartilham e disputam espaços na e para além da escrita.

## Língua e Ontologia

Desse modo, trago algumas referências para pensar elementos cosmológicos entorno do da palavra, fala e escuta para os Guarani. Começo pela palavra *Nhe'é*, cuja tradução – e embora os tropeços ao se traduzir sejam inevitáveis, sobretudo quando consideraram os saberes diferentes – é geralmente como “palavra-espírito”. Ela constitui um conceito fundamental para compreensão da expressão do ser e viver da pessoa Guarani. Cada sujeito recebe um *Nhe'é*, o qual vem da “morada celeste” (*amba*), em seu nascimento, conferindo e expressando certa qualidade e missão de vida para aquele indivíduo, os quais devem ser aprendidos e potencializados coletivamente ao longo do seu caminhar enquanto (*guata*) Guarani (BENITES, 2018).

Segundo Benites:

“é preciso que cada indivíduo tenha a possibilidade de construir o ser guarani no contexto no qual está inserido. Falar nem sempre é falado: é apenas vivido, sentido, experimentado. Isto é, falar muitas vezes não é visível e nem traduzido por palavras; é expressão do coletivo para o indivíduo.” (BENITES, 2020, p. 39).

Os processos de escuta e fala contemplam esse “falar vivido” e, nesse sentido, o saber ouvir-sentir está relacionado ao caminho (*tape*) que cada pessoa guarani passa em um movimento de aprendizado constante e de formas de produzir seus corpos (ARANHA, 2020). As experiências dos sujeitos, e as formas de construção dos seus corpos, não existem fora da coletividade, constituem, assim, parte do caminhar de todos Guaranis. Nesse sentido, “cuidar bem do outro significa também cuidar bem de si mesmo. Por isso é importante ouvir a todos, porque se um falhar, todos sofrem. Essa prática do movimento ocorre a partir da escuta do outro.” (BENITES, 2018, p. 6).

Existe, portanto, aspectos indissociáveis da língua. O saber, o corpo e as formas de comunicação com o divino atravessam os discursos e constituem o *nhandereko* (ser e viver) Guarani. Esse sentir-ouvir o coração, se realiza diretamente com o corpo-espírito, e esse está conectado ao nome-espírito, relacionado ao *Nhe'é*, o qual configura um meio e caminho de produção, circulação e compartilhamento de saberes e memórias (BENITES, 2018).

Nesse sentido, a concepção de fala, língua e linguagem para os Guarani Mbya

atravessa a sua forma de existir.

Segundo Aranha:

A fala é, portanto, um elemento central na vida social guarani uma vez que permite a comunicação entre os diferentes seres do cosmos, o desenvolvimento de sua capacidade relacional e diversas possibilidades de mobilização e potencialização de relações, saberes-poderes e prestígio. O bom-correto-verdadeiro (porã) uso da palavra envolve um aprendizado contínuo e cauteloso, pois “saber falar” (-ayvu kuaa), como insistem @s Mbya, é saber ir além da capacidade oratória e “fazer o que fala” (ARANHA, 2020, p. 77).

A fala e os discursos desse modo compõem uma forma de ética-estética relacionada à moderação e o bem viver da pessoa Guarani, os quais são passados adiante dentro do sistema de conhecimento e possuem formas discursivas específicas a partir dos espaços e contextos que se localizam.

## **Referências**

ARANHA, Aline de Oliveira. Sem palavra inspirada não há movimento: lições mbya de escuta e fala. **Campos**, v. 21, p. 61-83, 2020.

BENITES, Sandra. Nhe’e para os Guarani (Nhandeva e Mbya). **Campos**, v. 21 n. 1, p. 37-42, 2020.

BENITES, Sandra. **Viver na língua Guarani Nhandewa** (mulher falando). Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.